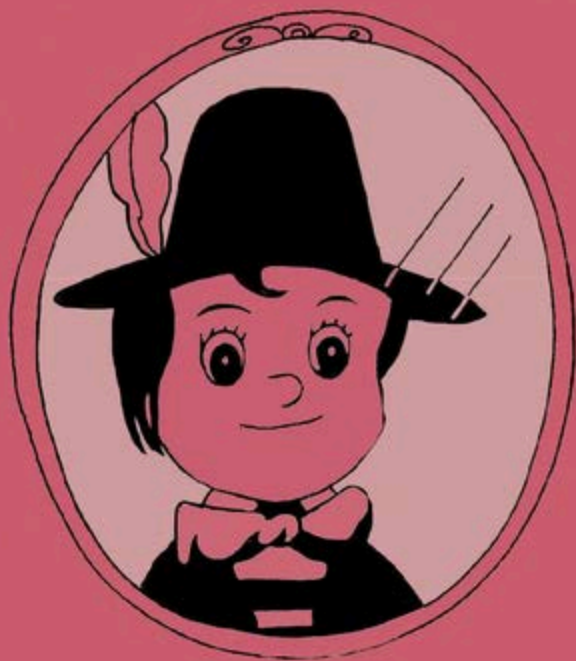


FABRÍCIO CARPINEJAR
menino da verdade



edelbra

1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral

Padrões: Laura Guidali Amaral,

Rodrigo F.S. e Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298p

Carpinejar, 1972-

Menino da verdade / Fabrício Carpinejar ; ilustrações
Eloar Guazzelli. - 1. ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2015.
144 p. : il. ; 21 cm. (Vida em pedaços ; 4)

ISBN 978-85-66470-69-7

1. Crônica brasileira. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III. Série.

14-18588

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

2015

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



FABRÍCIO CARPINEJAR
menino da verdade



edelbra

UNDELEBRA

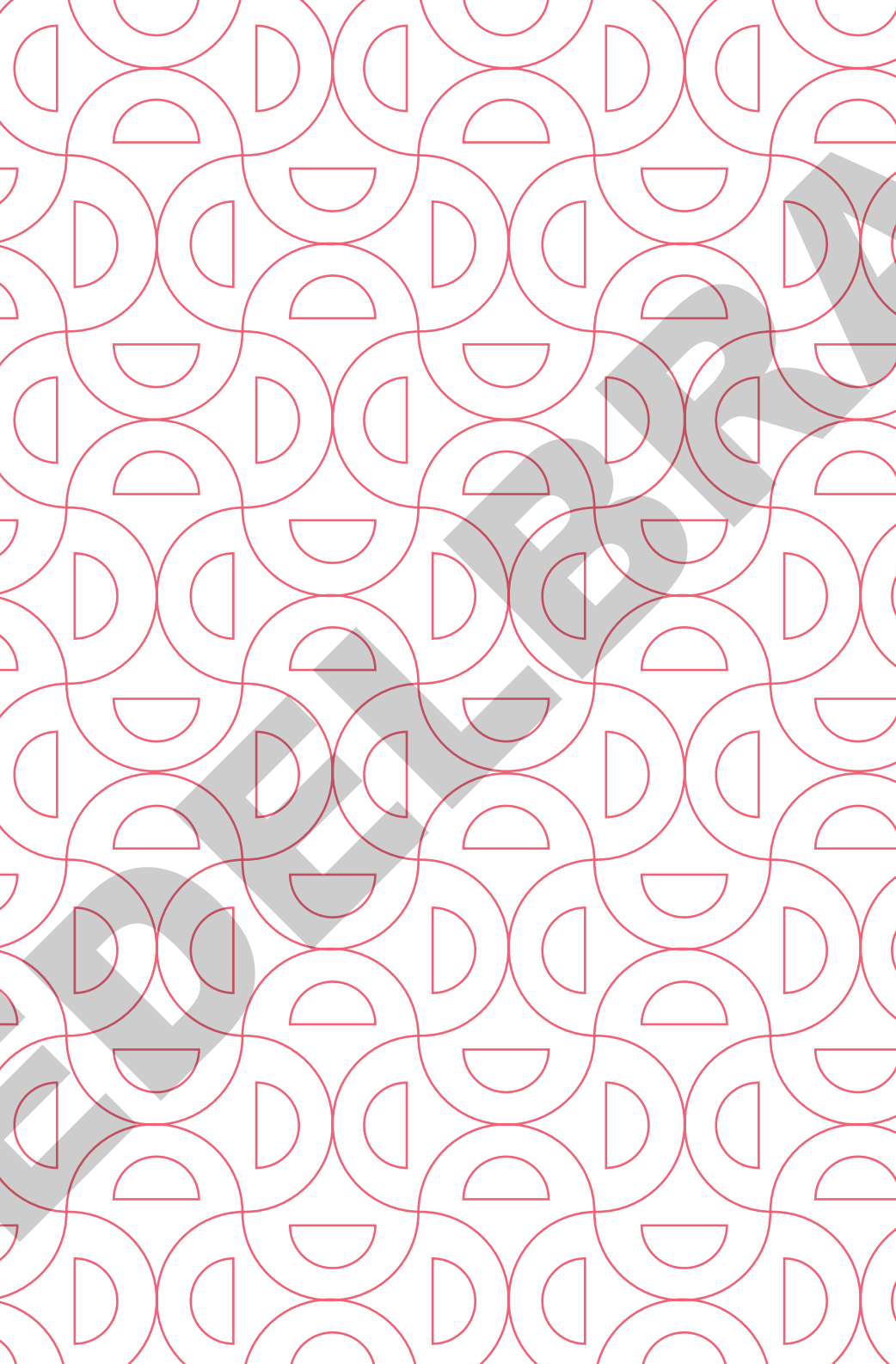
A **Coleção Vida em Pedacos** apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

UNDELEBRA

UDELBRA

Esta é a minha biografia.

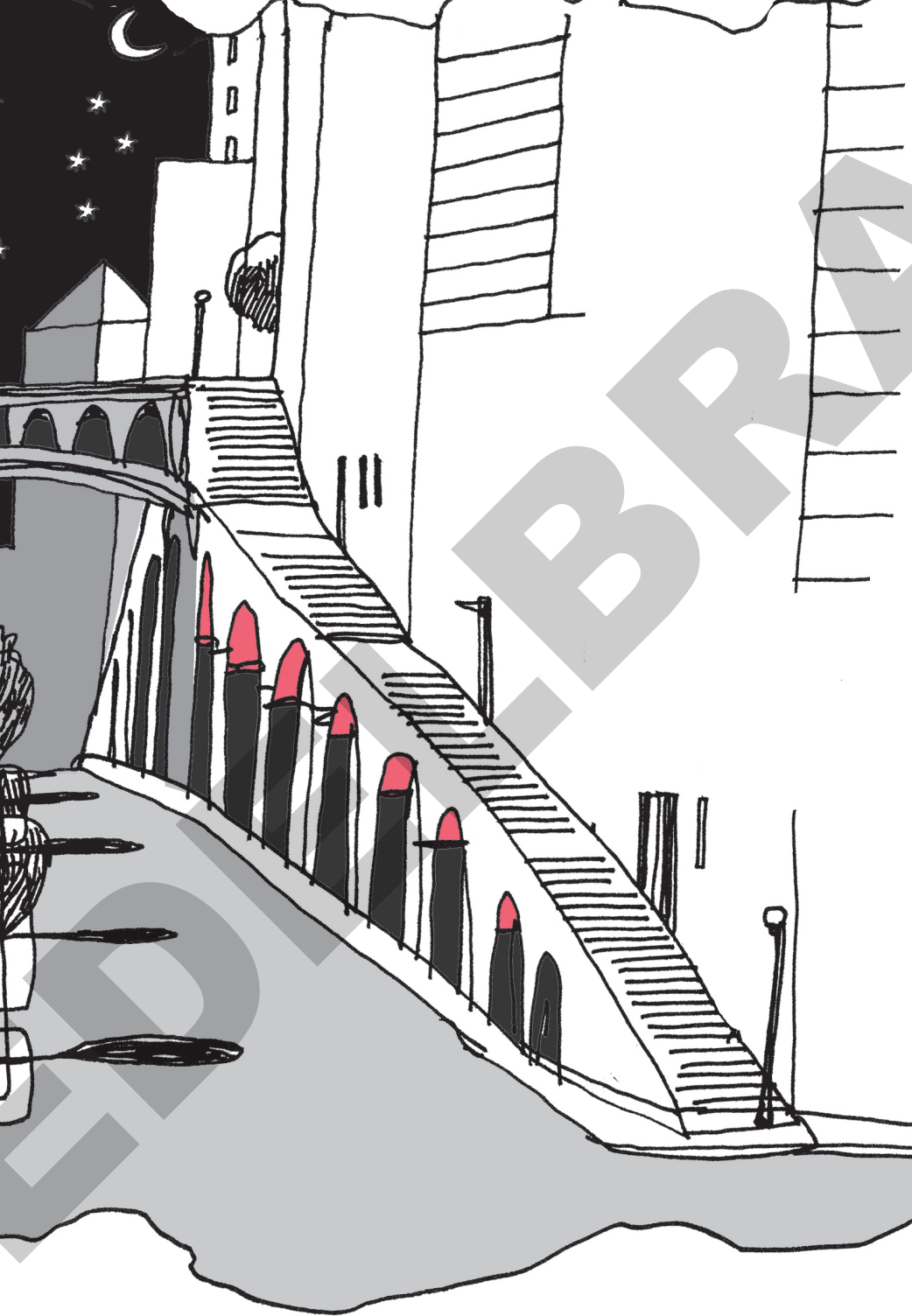
*Se eu inventei é porque
não consegui suportar a
realidade.*

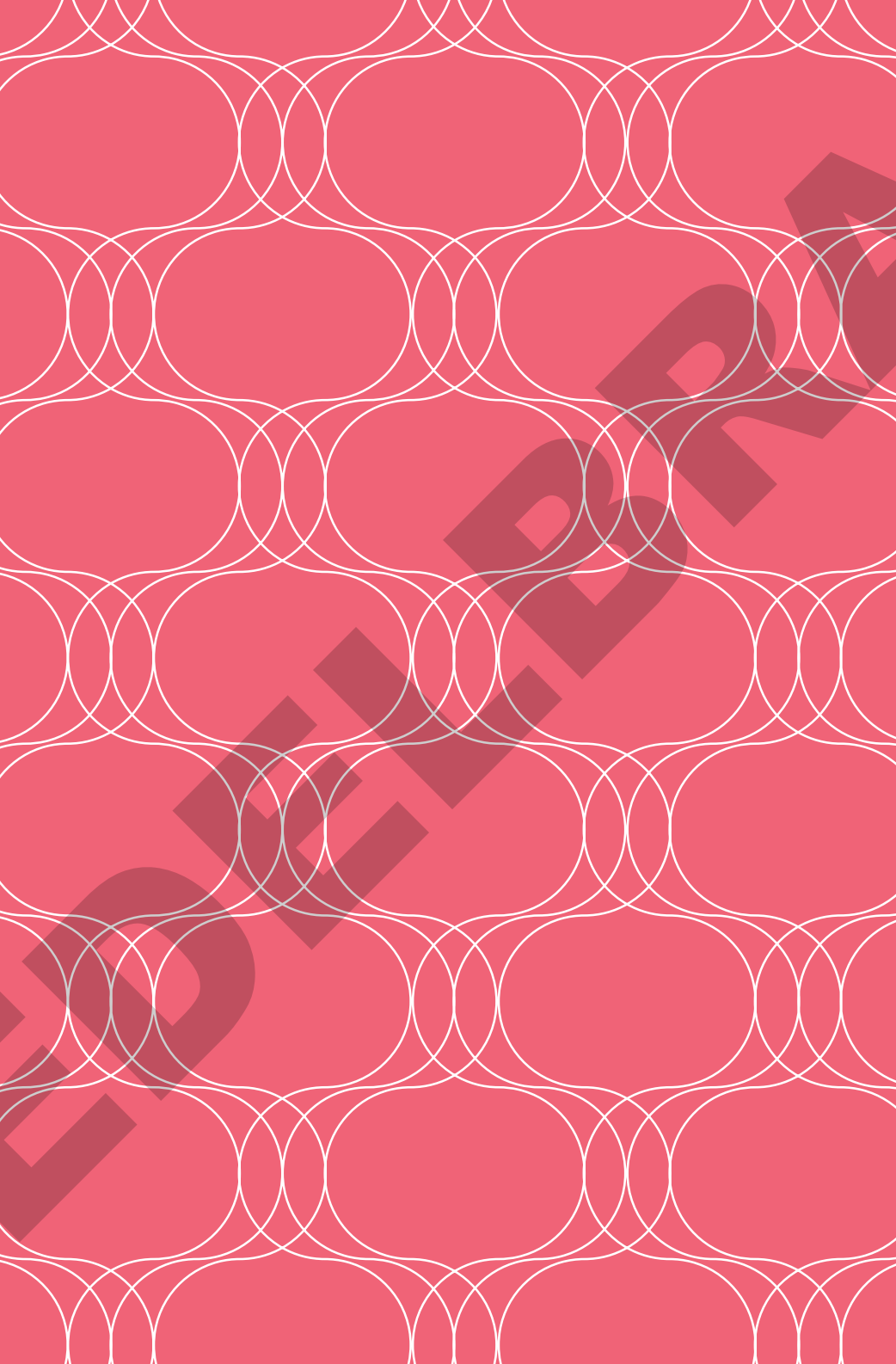


Sumário

Quando o presente tem a força do passado	13
A janela adesivada de minha adolescência	17
Não sou acompanhante terapêutico	21
Quando a amizade é para sempre	25
Quando a casa é ninho	29
Frangos de Natal	33
Sanfona	37
Caviar	41
Macheza	45
A cama que subiu aos céus	49
A orelha de Eduardo	53
Sessão pipoca	57
Competição de pecados	61
Planetário	65
O colo da letra	69
Anjo justiceiro	73
Por que escritor?	77
Zorrilho	81
A teimosia do gandula	85
Entre nós	89
O sonho é minha imensa saudade de você	93
Gaiolas de pão	97
Técnicas domésticas	101
Por que menino não brinca de boneca?	105
Quando fugi de casa	107
O país do invisível	109
Casa alugada na praia	113
Minha árvore predileta	117
Quando as palavras voaram	121
Porto Alegre a pé	125
O tênis que deixou de ser branco	129
Menino da verdade	133
Cebolão e escapulário	137
Fabrício Carpinejar	141
Eloar Guazzelli	141







Quando o presente tem a força do passado

Eu recebi um presente de aniversário que ninguém entendeu o que significava: um carrinho queimado, sem rodas, sem portas. A carcaça de um carrinho de criança. A lataria de um carrinho de criança.

Se houvesse um ferro-velho infantil, morreria abandonado num canto.

A mulher, os filhos, a mãe e os amigos olhavam com desprezo o miniveículo carbonizado, entregue um pouco antes de soprar as velas do bolo.

Quem teria feito esta brincadeira de mau-gosto? Parecia deboche.

Fora deixado na caixinha de correio, num pacote improvisado, preso por um durex já seco da cola. No rastro do papel, não encontrei cartão e dedicatória.

Logo que abri o embrulho, engoli o choro. Tossi o choro. Diante dos presentes em círculo pela mesa, o pasmo, o pânico. Por que me desesperava com um presente inútil?

Além da embalagem visível, existia uma segunda, invisível, que não permitia à família acompanhar o que se desenrolava dentro de mim. Somente eu poderia tirar a segunda embalagem sigilosa, que envolvia a emoção da memória.

Minhas pálpebras desapareceram. Meus cílios desapareceram. Desapareceu qualquer proteção entre os olhos e a queda das lágrimas.

Era meu carrinho da infância dado pelo irmão Rodrigo.

Voltei a ser o Bito, como Rodrigo me chamava. Rodrigo voltou a ser o Igo, como eu o chamava. Voltei a enxergar seus cabelos cacheados cobrindo as orelhas, voltei a ouvir nossas confidências de quintal.

Era um carrinho amarelo que fazíamos experiências quando pequenos. Um carrinho que retirávamos da coleção para testes. Um carrinho sorteado entre dezenas para aguentar tombos e provações.

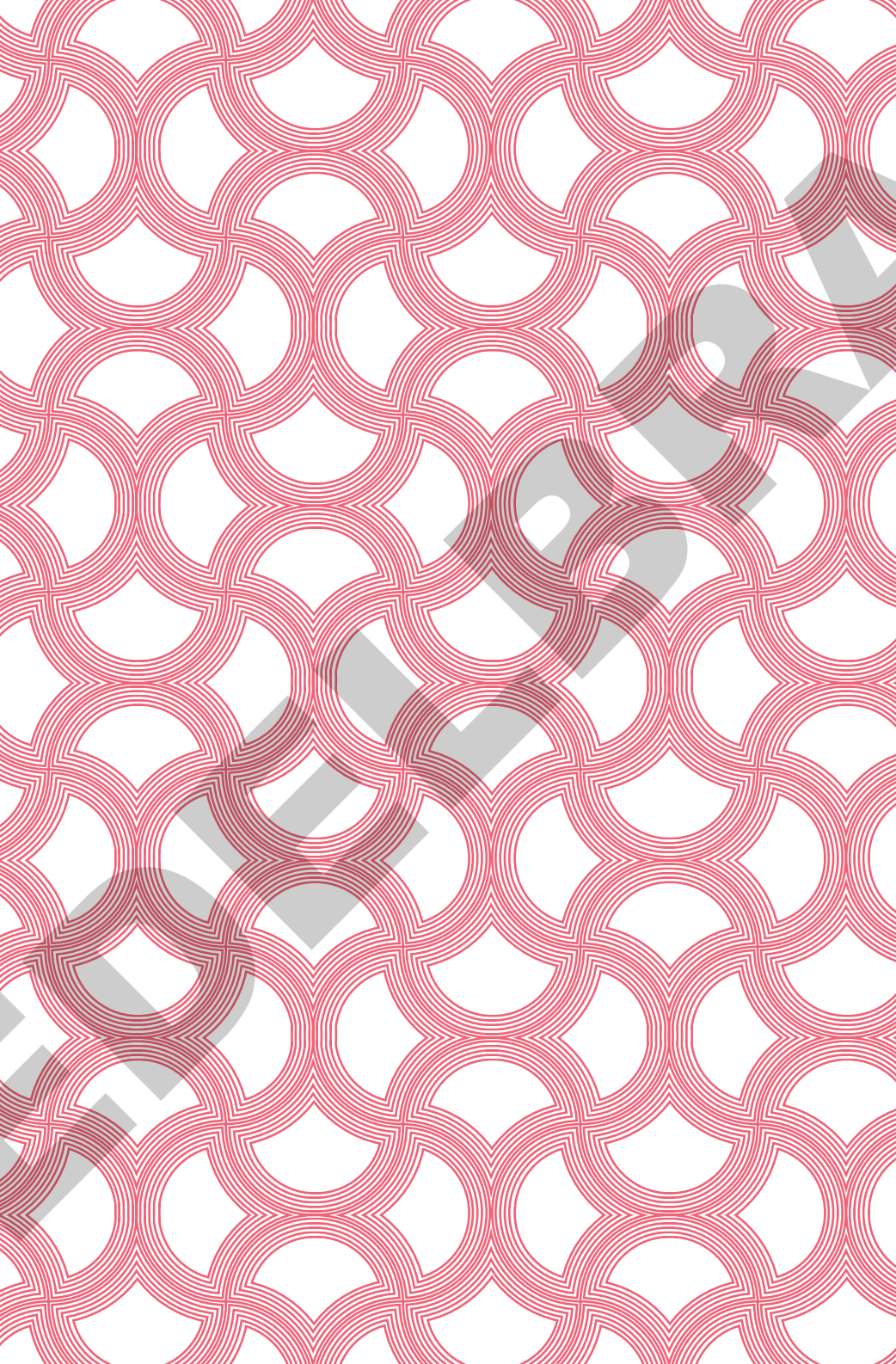
A gente queimava, jogava do alto do terceiro andar do prédio, atropelava com nossas bicicletas, arremessava no chão com violência de bombinhas, para ver se ele resistia. Para ver se ele continuava vivo. Para ver se ele conseguia superar as adversidades e o peso do tempo.

Era disparado o mais ridículo presente, e o melhor que ganhei nos meus 42 anos, pois representava o segredo entre duas pessoas.

Num gesto simbólico, num pedaço retorcido de ferro, meu irmão Rodrigo me alcançou de novo a minha infância.

E me mostrou que nossa amizade também resiste a tudo. Superamos privações, dificuldades, distância, desentendimentos, ressentimentos, todas as capotagens possíveis, todas as mortes imaginárias.

Éramos o próprio carrinho amarelo, agora indestrutível em minhas mãos.



A janela adesivada de minha adolescência

Visitei a casa de minha infância onde mora minha mãe.

Sempre que entro no meu quarto, é como se regressasse no tempo.

Os móveis do jeito que deixei, a estante com os livros de Castañeda e Hermann Hesse, as gavetas com cartas e fotos de amores antigos, os quadros de Brecht e Guevara.

Fui abrir as janelas para tirar o cheiro de guardado de décadas e deixar o sol entrar. Ao pentear as cortinas ao meio, me dei conta que não dava para ver nada mesmo.

Lembrei que, como adolescente em minha época, adesivei todo o vidro.

Participei de uma febre, uma moda entre os jovens: colar adesivos de lojas, de rádios, de marcas de camisetas.

A vidraça inteira coberta de propaganda. Não havia nenhuma frincha para escapar o olhar ao pátio.

A vidraça abarrotada como uniforme de Piloto de Fórmula 1.

A vidraça cheia como um álbum de figurinhas gigante.

A vidraça pichada de *slogans* e apelos comerciais.

Não faz muito sentido hoje, mas era uma das primeiras demonstrações de emancipação adulta.

Afrontávamos o modo de vida dominante, careta e organizado da família.

Como não contávamos com o direito de escolher a cama, a escrivaninha, as colchas e o armário, partíamos para personalizá-los. Ou seja, estragá-los.

Os pais ralhavam com a nossa mania. Para eles, significava lesar a conservação dos espaços e impedir a limpeza.

Nem havia mesmo como tirar depois. Ficava para toda a vida da película com sua cola aderente, grudenta, que só esponja de aço para remover.

Pôr adesivo tinha o mesmo peso de uma tatuagem e um *piercing*. Uma transgressão, uma clara discordância doméstica, sinal de que crescemos e que queríamos nossa independência, nosso caos, nossa bagunça, expor as nossas preferências. Realizávamos escondidos, distanciados da censura dos mais velhos.

Entre os meus colegas de escola, disputava os decalques. Se recebia um novo, de formato diferente, já

festejava e esnobava diante da turma nos grupos de estudo.

Os mais chinelos eram os de postos de gasolina, os mais venerados eram os de jeans com frases de efeito: Liberdade é uma calça velha / Azul e desbotada / Que você pode usar / Do jeito que quiser.

A janela adesivada ilustrava o isolamento do adolescente, que cria um forte em seu quarto, uma trincheira de seus gostos, apartando-se cada vez mais do resto da residência até sair em definitivo. Explicava o quanto vivíamos para dentro, em nossos devaneios. A paisagem não existia, unicamente nossas ideias, fantasias consumistas e palavras. Período saudoso quando morava apenas em meus pensamentos e acreditava que o mundo deveria me obedecer.



Não sou acompanhante terapêutico

Lustrava maçã em minha camisa antes de sair para aula. Até ficar cintilante como lâmpada de cabaré.

Nunca fui fã de maçã, mas sempre admirei o brilho libertino das frutas.

Ou o brilho cansado dos sapatos. Preferia sapato usado a novo. Esfregava a flanela na graxa e dava a impressão de par novo, empacotado. Dedicava uma hora para envernizá-lo com o meu toque. Alisava as bordas, imprimia o mesmo tom, limpava as solas. Engraxar o sapato me ensinou a fazer massagem. Quem é amoroso com os cadarços não será desleal com os cabelos. Quem é cuidadoso com o couro não vai vacilar com a pele.

Na adolescência, diante da minha timidez cada-vérica, passei a lustrar as palavras. Escrevia cartas de amor. Se uma menina me cumprimentava, já me debruçava na tinta ansiando pelo namoro. Fui um Casanova do amor platônico, nenhum realizado até os 15 anos.

Confiava demais nas minhas palavras. A palavra sofria mais do que eu. Eu me importava mais pelo seu efeito do que pela sua origem. O que queria era seu reflexo no outro. Como um mentiroso que conta farsas olhando nos olhos, para ver se pode prosseguir, para confirmar a audiência.

Falava para antecipar, para me ocupar, para me povoar. O que valorizava era o brilho. O brilho da letra negra.

Havia uma onipotência que não me fazia parar. Qualquer assunto, qualquer dor.

No ensino médio, o colega Charles passou por uma crise nervosa. Jogou todas as roupas pela janela. Bebia em excesso, fumava em excesso, morria em excesso nas festas da turma. Pensei que a família não sabia lidar com ele. Não entendia sua cabeça de adolescente. Para nós, a loucura consistia numa aventura extravagante pelo corpo, com passagem de volta. Éramos loucos por obrigação, orgulhávamos das bebedeiras, dos desmaios, das brigas.

Tomado do sacerdócio da fala, convidei para que fosse dormir lá em casa. Seus pais aceitaram, mas me recomendaram cuidado. Virei os ombros e disse que estava acostumado, que dava conta do problema. Enfrentamos duas horas de conversa, ao som de *Dire Straits*. Sondava os fundos das lembranças, emparedei

o amigo de curiosidades esquisitas e irrelevantes, ele narrou seus traumas, chorou e pediu para dormir. Coloquei um cobertor a mais em sua cama, como se ele fosse meu filho. Eu o salvei. Veio um contentamento curativo. Lembro de concluir que foi mais fácil do que imaginava.

No meio da madrugada, ele salta, derrubando o abajur.

– Tira ele de perto de mim? Tira? Ele vai me morder, gritava.

– Quem? Quem?

– O cachorro.

Não havia cão em casa, ele se referia ao tapete. E arremessou o tapete no armário e abriu minhas gavetas e lançou as camisas e os livros no chão e mordeu meu braço ao segurá-lo. Indomável, com os olhos esbugalhados, carochos de cometas.

O choro foi rápido demais para a lágrima. Tranquei meu colega no quarto e pedi ajuda para a minha mãe.

– Eu não sei como controlar, ele enlouqueceu.

Pela primeira vez, não usei uma expressão sem acreditar. Era loucura mesmo. Não podia curá-lo. Não tinha preparação. Não tinha estudo. Não tinha nem silêncio.



Quando a amizade é para sempre

Nunca determino a origem das amizades. Os melhores amigos parecem que estão comigo a vida inteira.

Não guardamos o aniversário de encontro. Não faremos bodas de ouro, nem cobraremos presentes ou lamentaremos injustiça por lapsos.

Não decoramos a data do primeiro abraço, do primeiro riso, do primeiro porre.

A amizade tem uma memória solta. Diferente do amor, onde tudo gira em torno de estreias e contagens comemorativas, do namoro ao casamento.

Casal que não recorda do início acelera seu final. Já o amigo não tem tabuada e nascimento, é a benção da tranquilidade. Jamais telefona para recriminar, ou cruza informações para testar o nosso amor.

Apesar do despojamento, conquistar uma amizade não é fácil. Passa a existir de verdade num momento específico. Antes, despontava como esperança de cumplicidade.

O amigo se realiza quando não nos abandona no perigo e na dificuldade. Quando ele demonstra a mesma lealdade da alegria durante a tristeza.

Atravessaremos um portal para consolidar a afinidade, compactuar o sangue, justificar o cuidado. Daquele instante em diante, nada mais será necessário provar.

É uma manifestação de absoluta sinceridade que alçará o amigo a partilhar o resto de nossos dias.

Não teremos mais como quebrar os laços e desfazer o companheirismo.

Mário Corso é um dos meus escudeiros prediletos. Desde a infância.

Somos unha e carne, mafiosos, inseparáveis. Desde uma tardezinha de novembro de 1979.

Um por todos, todos por um.

Não lembro quando começamos a nos falar, mas conservo a visão nítida de quando começamos a nos admirar.

Na infância, nosso *hobby* principal consistia em pular muros e portões e roubar frutas no bairro.

Eu participava da turma mais velha, espécie de nânico, de anão de jardim, de mascote dos guris mais velhos da quarta série. Recrutado como mão mecânica para colher os galhos mais longínquos (qualquer bando que se prezava admitia uma criança em seus quadros de molecagem para trabalhos especiais, devido ao tamanho e à leveza).

Quando invadimos a casa da madre superiora do Colégio Santa Inês, para desfalcas as tangerinas do seu

quintal, ela me apanhou de surpresa na árvore. A desgraçada me puxou para dentro da casa pela janela. Fui sugado pelas suas mãos frias e raivosas.

Para quê? Meus colegas desapareceram em segundos. Ao me flagrar preso, escaparam rapidamente.

Eu tremia, chorava, não raciocinava, imaginava castigo na escola, repreensão familiar, humilhação na igreja.

Antevia que iria apanhar de palmatória.

Fechei os olhos ao pior.

Na hora em que a madre veio puxar minhas orelhas, a campainha tocou.

Era Mário Corso, meu amigo ruivo.

Ele retornou da deserção, não suportou me largar sozinho.

– O que quer, menino? – ela gritou.

Ele colocou inocentemente seu cabelo suado para o lado direito e respondeu:

– Estamos juntos!

Essas duas palavras soldaram nossa amizade para sempre. Não há quem possa estragar.

Coleção Vida em Pedacos

“Pinóquio é tradução de sofrimento infantil. É um exemplo de honestidade – ele erra para aprender, assimila a si mesmo –, o doce e o amargo – tropeçando com a mais pura das intenções.

É a demonstração da lealdade ao seu pai Geppetto e ao seu começo.

Pois crescer não é amadurecer. Tem gente que cresce e jamais amadurece. Pinóquio amadurece dentro do sofrimento.

Pinóquio sou eu.”



Ilustrações ELOAR GUAZZELLI

edelbra

